

RESENHA: O USO RITUAL DAS PLANTAS DE PODERⁱ

AUTORES: Maria Clara Rebel Araújo, Ricardo Vieiralves-Castro

“O Uso Ritual das Plantas de Poder”, que reúne quatorze artigos escritos por antropólogos, sociólogos e historiadores de cinco países, tem todos os elementos para ser uma obra de referência em pesquisas e discussões que tratam de usos tradicionais e modernos de psicoativos.

Seu conteúdo traz pesquisas sobre variadas culturas, etnias e religiões que utilizam ritualmente as tradicionalmente chamadas “Plantas de Poder”, ou “Plantas Mestras/ Professoras”: plantas e substâncias derivadas que em algumas culturas são consideradas mestres em forma vegetal, capazes de ensinar ao homem o caminho de contato com os deuses, sabedoria e conhecimentos que moram além (ou dentro) da realidade palpável ou que podem trazer a cura de diversos males físicos, mentais e espirituais.

Longe de terem desaparecido com a crescente ocidentalização e globalização, estas práticas rituais e religiosas permanecem ativas em diversos pontos do planeta: existem diversas religiões e grupos étnicos que utilizam o chá da ayahuasca ou Daime na Amazônia e Peru; outras que utilizam, no Peru e Bolívia, a folha de coca, no Amazonas, o Pariká, rapé derivado de uma raiz, nos Camarões, em África, a Iboga, e no Nordeste brasileiro, a Jurema, que é utilizada em diversos rituais rurais e urbanos. Isso sem falar da *Cannabis*, que também era utilizada ritualmente em alguns grupos religiosos brasileiros.

Tais usos não se limitam unicamente a um momento sagrado e/ou ritual, mas possuem profundas implicações na vida social, nas instituições e também nas subjetividades destes grupos e indivíduos. Tal como afirmam as organizadoras Beatriz Labate e Sandra Goulart:

Cabe ainda esclarecer que, apesar da grande maioria dos artigos desta coletânea discorrer sobre o uso de psicoativos em cultos e cerimônias religiosas, isto não significa que todos os autores definam ritual como um espaço, um momento, enfim, um universo exclusivamente místico ou mágico. Ao contrário (...) são enfatizadas a complexidade e a grande variedade de implicações destas práticas nas diferentes esferas da vida humana e social. (Carneiro, Goulart e Labate 2005, pg.38)

Os usos tradicionais e modernos dos psicoativos como formas de entrar em contato com o mundo espiritual e seus diversos habitantes (ancestrais, animais e seres vegetais, entidades e deuses) são descritos na maioria dos artigos do presente livro. Tais substâncias são consideradas “enteógenas”, ou seja, carregam um deus (ou um “mestre ensinador”, para usar um dos muitos termos nativos) em si mesmas e tornam as pessoas que as utilizam capazes de ter contato com o mundo espiritual.

Todas as religiões e seitas aqui abordadas encontram-se ativas, algumas reunindo mitologias e práticas sociais circunscritas a uma determinada etnia, e outras mais inseridas no contexto globalizado ocidental.

Sobre estas últimas se desenvolvem pesquisas que procuram mostrar a luta pela preservação das características consideradas essenciais pelos adeptos e ao mesmo tempo uma série de movimentos em direção a uma maior divulgação e aceitação destes grupos religiosos no exterior. Como estes grupos necessariamente utilizam plantas e substâncias com poder psicoativo, há que se empreender uma verdadeira luta política e jurídica. Quem tem o direito de utilizar estas substâncias? Devem elas ser permitidas apenas aos “povos nativos” ou “tradicionais”? Mas e a liberdade de escolha religiosa? O ser humano tem o direito de legislar individualmente sobre seus estados de consciência? Pode alterá-los por considerar que há nestas práticas um desenvolvimento espiritual?

As relações entre as Plantas de Poder e as práticas sociais e políticas que a elas ligadas já estão presentes na introdução de Sandra. Goulart, Beatriz Labate e Henrique Carneiro. Os autores deixam claro que a presente coletânea não esgota todos os usos rituais das plantas sagradas (isso sem falar dos usos laicos e/ou recreacionais dos psicoativos, um tema igualmente vasto e pouco explorado dentro das Ciências Sociais).

Podemos destacar o artigo de Carneiro, que abre a coletânea e tem o mérito de situar historicamente o campo de estudos sobre psicoativos nos últimos 150 anos. Embora Carneiro aborde, como os demais autores, os usos rituais e sagrados destas plantas, há também uma análise do movimento psicodélico nos anos de 1960, que teve como expoentes os romances de Castaneda, de Ken Kesey e dos psiquiatras de Harvard Timothy Leary e Alpert. Carneiro traz também dados sobre a utilização de psicodélicos pela CIA e por órgãos militares durante as décadas de 60 e 80, com fins políticos e “estratégicos”. O texto traz uma crítica à política proibicionista das drogas, adotada no início do século XX e intensificada a partir dos anos 60.

Outros artigos, como o de Robin Wright, abordam estudos sobre o xamanismo e a relação entre as práticas sagradas ligadas ao consumo de substâncias como o rapé pariká e o cipó *caapi* entre os Baniwa, povo do tranco lingüístico Aruak, situado no noroeste amazônico.

Merece destaque também o artigo de Luis Eduardo Luna, referência fundamental no tema xamanismo/ayahuasca, que elabora o motivo da transformação em animal. Este artigo traz, ainda, informações relevantes sobre as características farmacológicas bem como seus efeitos sobre o organismo humano deste chá.

O livro tem como um de seus objetivos centrais ressaltar a relevância dos estudos sobre o tema de psicoativos e estados alterados de consciência no âmbito das ciências

sociais. Tal discussão, embora não seja recente e tenha guiado pesquisas nos primórdios da psicologia e da antropologia, vem sendo negligenciada pelas ciências sociais, deixando as pesquisas nos últimos 50 anos exclusivamente a cargo dos discursos psiquiátricos, policiais e jurídicos. Tal como afirmam os autores na introdução:

(...) observamos, nos diversos trabalhos aqui apresentados, que os fenômenos religiosos abordados são enfocados a partir de uma perspectiva que enfatiza uma relação estreita e bastante complexa entre visão de mundo, símbolos, práticas, ritos, vivências subjetivas e instituições. Estes diferentes aspectos são considerados nas abordagens aqui reunidas deixando transparecer uma concepção de religião na qual sistemas morais e simbólicos são analisados sem que se perca de vista, também, seu relacionamento com as estruturas sociais. (Carneiro, Goulart e Labate 2005, p.39)

A idéia de que as substâncias psicoativas são necessariamente prejudiciais e danosas está, segundo alguns autores, ligada ao cristianismo, que relacionava estes usos às religiões ameríndias e pagãs, o que representava um obstáculo para a expansão e aceitação cristã. Mais além, durante o século XX surgiu a chamada “War on Drugs” (bastante ligada aos ideais puritanos norte-americanos), que se propõe a banir e exterminar toda uma classe de vegetais e usos religiosos e laicos dos mesmos.

Resumindo, “O uso ritual das plantas de poder” propõe, através de estudos bem fundamentados em Ciências Humanas, uma rediscussão sobre antigas dicotomias trabalhadas sobretudo pela antropologia e sociologia.

Mas é também um livro que traz uma indiscutível provocação política: a proposta de desnaturalizar a idéia de que os usos rituais de enteógenos/psicoativos seriam necessariamente nocivos ou ligados a seitas primitivas, isoladas, que abandonariam estes hábitos na medida em que tivessem maior contato com religiões mais “lógicas” ou “racionais”. Pelo contrário, observamos nos relatos etnográficos e nas discussões teóricas

um crescente interesse sobre as religiões que trabalham com as plantas de poder, acompanhadas de posições políticas a favor de uma rediscussão das políticas mundiais e locais sobre estas substâncias e as culturas a elas ligadas.

Autores da resenha: Maria Clara Rebel Araújo- mestra e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ. Endereço: rua Visconde do Rio Branco, 763/703-Centro, Niterói. CEP 22040-006. e-mail: clararebel@yahoo.com.br

Ricardo Vieiralves-Castro. Doutor pela ECO-UFRJ. Professor adjunto do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ. E-mail: diretoria@museudarepublica.org.br

Referência Bibliográfica:

LABATE, Beatriz Caiuby, GOULART, Sandra Lucia (Orgs)- *O Uso Ritual das Plantas de Poder*. 2005, Mercado das Letras e FAPESP, Campinas, SP. 518 pgs.

Autores: Esther Jean Langdon; Sandra Goulart; Beatriz Labate; Henrique Carneiro; Robin Wright; Juan Echeverri; Edmundo Pereira; Glen Shepard Jr.; Clarice Novaes da Mota; Rodrido Grunewald; Roberto Mota; Giorgio Samorini; Antonio Bianchi; Luis Eduardo Luna; Edward MacRae; Bruno Cavalcanti.

ⁱ Publicado em: Revista Horizontes Antropológicos- Religião e Política. n.27, ano 13, Janeiro-junho 2007. Publicação do Programa de pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Organizado por Ari Pedro Oro e Carlos Alberto Steil.pgs 358-361.